

## No rastro do autor:

trajetória de Sarah Louise Arnold, autora de livros de destinação escolar

Mirian Jorge Warde

**Como citar:** WARDE, Mirian Jorge. No rastro do autor: trajetória de Sarah Louise Arnold, autora de livros de destinação escolar. *In:* MORTATTI, Maria do Rosário Longo; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (org.). **História do ensino de leitura e escrita:** métodos e material didático. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 61-92.

DOI: <https://doi.org/10.36311/2014.978-85-393-0541-4.p61-92>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# NO RASTRO DO AUTOR: TRAJETÓRIA DE SARAH LOUISE ARNOLD, AUTORA DE LIVROS DE DESTINAÇÃO ESCOLAR

*Mirian Jorge Warde*

## INTRODUÇÃO

Os livros de leitura e as cartilhas adotadas nos Estados Unidos são de interesse para os estudos da história da educação brasileira, especialmente no período entre fins do século XIX e começos do século XX, quando modernizadoras e inovadoras reformas da instrução pública, implementadas em Estados da federação brasileira, incorporaram padrões de ensino direta ou indiretamente colhidos naquele país.

Um dos materiais didáticos norte-americanos<sup>1</sup> frequentemente citados pela literatura brasileira relativa ao ensino do ler e escrever é a *Cartilha de Arnold*, Sarah Louise Arnold, que teria circulado em vários Estados brasileiros, embora não se tenha informações precisas da sua adoção para além de São Paulo e Espírito Santo (MORTATTI, 2000; SCHWARTZ, 2008). Segundo Mortatti (2000), autores brasileiros de livros didáticos teriam se baseado na *Cartilha de Arnold* e, por consequência, teriam adotado o método analítico para o ensino da leitura e da escrita.

Os rastreamentos sistemáticos de materiais didáticos que têm sido realizados em diversos Estados brasileiros certamente trarão à baila muitos outros livros, seja da autora mencionada, seja de outros autores

---

<sup>1</sup> O termo “norte-americano” é adotado neste texto sempre com referência aos Estados Unidos.

norte-americanos, que teriam também contribuído para a propagação do método analítico e dos padrões criados pelas editoras norte-americanas na confecção de livros de leitura e de cartilhas. Assim, não somente pelo interesse que o método analítico vem há muito despertando, mas pela relevância do estudo da história do ensino da leitura e da escrita, no Brasil, em face das tendências internacionais, este texto apresenta a trajetória de Arnold, situando-a nas redes sociais e profissionais a que teria pertencido. O texto também reúne informações e análises sobre o ensino da leitura e da escrita nos Estados Unidos, focalizando o momento em que lá começam a circular os materiais didáticos de Arnold — momento de fervor reformista, de acelerada industrialização e urbanização, e de grande afluxo populacional com vertiginosa mudança na sua composição.

Este texto foi elaborado com base em levantamentos efetuados em muitos bancos de dados dentro e fora dos Estados Unidos, dedicados exclusivamente a livros didáticos ou destinados a uma ampla gama de documentos históricos. Embora alguns acervos *online* há muito reúnam informações preciosas sobre antigos livros didáticos, como o de John Nietz,<sup>2</sup> é a livraria digital *Internet Archive* que oferece o maior número de livros didáticos de Arnold disponíveis para consulta *online* ou para *download*.<sup>3</sup> Os arquivos materiais que forneceram as fontes mais significativas sobre Arnold são: Biblioteca do Congresso Nacional em Washington, D.C.; Simmons College, Archives, Beatley Library, Boston, Ma; as editoras Silver, Burdett & Co e Ginn & Co.<sup>4</sup>

Também foi consultada uma ampla bibliografia, predominantemente norte-americana, sobre temas tais como: livros didáticos, ensino da leitura e da escrita, escotismo para meninas (*girl scouts*), progressivismo e reformas na educação norte-americana, dentre outros. Parte dessa bibliografia está citada ao longo deste capítulo e, portanto, consta do rol bibliográfico final. Cabe informar, outrossim, que muitas informações foram

<sup>2</sup> J. Nietz é um dos autores com mais larga tradição de estudos de livros escolares norte-americanos (NIETZ, 1941, 1953, 1959, 1961, 1965). O acervo de Nietz está disponível em: <<http://digital.library.pitt.edu/nietz>>. Acesso em: 6 nov. 2013.

<sup>3</sup> Apenas seis dos títulos de Arnold não foram encontrados para consulta *online* ou para *download*. Por falta de espaço, não foi possível incluir aqui todos os endereços dos trabalhos localizados na internet.

<sup>4</sup> Até o momento, não foi possível ter acesso a fontes sobre Susan Hall, pseudônimo que Arnold teria usado em algumas ocasiões; também não foram consultados os arquivos das *Girl Scouts of United States*, que reúnem muitos documentos oficiais, cartas e imagens de Arnold.

colhidas em *sites* oficiais de instituições, associações e movimentos, porque não estão disponíveis em meios acadêmicos.

A direção conceitual e de método que aqui se imprime reitera a perspectiva que tenho há muito adotado em outros trabalhos: ela situa Arnold nas suas circunstâncias, ou seja, na rede ou nas redes de relações às quais pertenceu; redes que lhe forneceram as ferramentas intelectuais e afetivas com as quais lidou em face dos acontecimentos que a afetaram e das conjunturas que a envolveram, conferindo significado aos seus atos. Aqui, igualmente, foi salientado o modo singular com que Arnold se apropriou de estratégias já adotadas por sua(s) rede(s) de relações, ou mesmo o modo inventivo com que modificou aquelas estratégias visando à maior efetividade das suas escolhas práticas.

#### AS MUITAS FUNÇÕES QUE FIZERAM DE SARAH LOUISE ARNOLD UMA AUTORA

Apenas nos seus dois primeiros livros, de 1886 e 1887, não constam informações sobre as atividades de Arnold à época das suas primeiras edições. É sabido, no entanto, que antes de responder pela supervisão das escolas primárias em Minneapolis, no Estado de Minnesota, entre 1888 a 1894, teria lecionado no seu Estado natal, Massachusetts, bem como na Pensilvânia, em New Hampshire, em Vermont e em New York, onde também teria sido diretora de escola. É dito, em acréscimo, que teria ainda administrado uma escola de formação de professores em Saratoga Springs, no Estado de New York, antes de ter se tornado supervisora de ensino (ANDREWS, 1943).

Essas foram as primeiras atividades nas quais Arnold se destacou e às quais dedicou tempo maior da sua carreira, após o período inicial de dedicação exclusiva ao magistério: de 1888-1894 – supervisora das escolas primárias em Minneapolis; de 1894-1901/1902<sup>5</sup> – supervisora das escolas em Boston;<sup>6</sup> de

<sup>5</sup> Como não foi possível solucionar com segurança o conflito de datas constantes nos arquivos, decidi pela sequência 1901/1902. É provável que as datas se refiram ao início e ao término daquele ano letivo iniciado em 1901 e concluído em 1902.

<sup>6</sup> Há desencontro de informações sobre o raio de abrangência da supervisão exercida por Sarah L. Arnold. Algumas fontes informam que se trata de supervisão das escolas primárias de Boston, como antes, em Minneapolis. Outras fontes, mais seguras, informam que era maior a cobertura do trabalho de Arnold e dos seus pares supervisores em Boston, ou seja, incluía outras modalidades e graus.

1902-1919 – Decana (*Dean*) do Simmons College, da qual se tornou depois *Dean Emerita*.<sup>7</sup>

Foram as duas primeiras funções que lhe deram lastro para ganhar considerável espaço no já muito disputado mercado norte-americano de livros de destinação escolar e, além disso, atravessar as fronteiras geográficas dos Estados Unidos, contribuindo de modo bastante efetivo para a circulação e a consagração de novos padrões de ensino, especialmente do ensino da leitura. Ao longo de sua carreira educacional, Arnold exerceu outras funções e atuou em outras frentes; essas atividades se prolongaram por toda a sua vida, com destaque para seus empreendimentos no âmbito da educação da mulher, incluindo o campo da Economia Doméstica, para cuja constituição contribuiu grandemente, e também o movimento do “escotismo feminino”. Essas duas últimas atividades conduziram Arnold à sólida amizade com o casal Herbert Hoover e à função de coordenadora da ala feminina da campanha de Hoover a Presidente da República, eleito para o período de 1929-1933.

Da função de supervisora das escolas em Boston, há registros do alto valor conferido ao cargo e às qualidades especiais de Arnold para preenchê-lo, o que é ressaltado em um artigo publicado em agosto de 1897 – “Nature Study in the Public Schools” (“O estudo da natureza nas Escolas Públicas”<sup>8</sup>) – pelo jornal *Congregationalist*, de Boston (NATURE..., 1897).

No ano seguinte (1898), Arnold publicou no jornal *The Independent...* a matéria “The Duties and Privileges of The Supervisor” (“As obrigações e os privilégios do supervisor). Nesse texto, podem ser apreendidos traços pessoais e profissionais de Arnold, bem como algumas tendências da instrução pública norte-americana, ao menos em uma cidade bastante renovadora nessa matéria, como Boston.

Adotando um léxico densamente cristão, Arnold alude ao supervisor como um “[...] Moisés”, posto que “[...] é designado para conduzir o seu povo à terra prometida” (ARNOLD, 1898, p. 315).

<sup>7</sup> Tradução de *dean*: deão, dignitário eclesiástico que preside ao cabido; reitor de uma faculdade; decano, membro mais velho de uma classe na universidade. Optou-se, aqui, pela tradução literal, uma vez que ela guarda o pleno sentido norte-americano do cargo ocupado por Sarah L. Arnold, no Simmons College: como decana, ela respondia pela direção daquele College.

<sup>8</sup> Todas as traduções do inglês são nossas. Nesses casos, não tivemos pretensão a uma tradução técnica, embora tenhamos conferido com um tradutor especializado todos os pontos mais intrincados.

Mesmo que as remissões bíblicas não fossem muito frequentes, ou não fossem tão diretas nos textos da elite dos intelectuais reformadores, progressivistas, contemporâneos de Sarah L. Arnold, o certo é que a quase totalidade daquela intelectualidade – composta predominantemente de homens – tinha-se formado em ambientes de sólida orientação cristã. Um grande número, inclusive, tinha-se preparado para o ministério religioso e, mesmo percorrendo uma carreira laica, manteve suas crenças religiosas, acomodando-as aos princípios do conhecimento científico e à defesa da autonomia das instituições públicas do comando religioso.<sup>9</sup> Em contraposição, mulheres intelectuais como Arnold – que transitavam de uma posição intelectual média para uma posição superior, a partir de fins do século XIX – mantinham no vocabulário, nas práticas e nas relações sociais uma adesão religiosa mais explícita, altamente valorizada entre as jardineiras dos *kindergartens* e as professoras das escolas primárias – duas carreiras que já se tinham tornado femininas, ao final do século XIX<sup>10</sup> –, das quais se esperavam condutas cristãs na educação das crianças e no trato com as famílias.

Em Arnold – como em muitos dos seus pares da Nova Inglaterra e de algumas outras regiões norte-americanas em acelerada urbanização –, essa face religiosa se funde com práticas reformadoras da instrução pública; dentro de certos limites, práticas inovadoras e democratizadoras. Por isso, não se há de estranhar que Arnold, utilizando-se de terminologia cristã, conceba o supervisor de modo realista e renovador, diferentemente da livre interpretação que dele se fazia, ou seja, um misto de

[...] Diretor, Inspetor, Professor Chefe, Supervisor, Superintendente Assistente. Algumas vezes ele pode ser todos eles e mais, sob o nome de Superintendente. A livre interpretação desses altos cargos o apresenta como uma criatura formidável, que deveria ser retratado como extremamente vigilante (*Argus-eyed*) e poliglota; bem munido, além disso, de cetros e condões. (ARNOLD, 1898, p. 315).

<sup>9</sup> Vale lembrar alguns dentre os intelectuais aludidos no parágrafo: William James, John Dewey, George Herbert Mead, William Kilpatrick e G. Stanley Hall.

<sup>10</sup> Arnold emprega o pronome pessoal masculino da terceira pessoa (*He*), quando se refere ao supervisor, e o pronome pessoal feminino da terceira pessoa (*She*), quando se trata dos professores. O tema das mulheres contemporâneas de Arnold será retomado neste capítulo.

Nem todo poderoso, nem ditador: o supervisor de Arnold deveria ser retratado “[...] à frente de uma tropa de crianças que, crédula e confiante, anda com seus professores de mãos dadas.” (ARNOLD, 1898, p. 315).

Em termos oficiais, constava que o supervisor teria “[...] de visitar as escolas tão frequentemente quanto possível”, que teria “[...] de dirigir a instrução” e que teria “[...] de relatar ao superintendente ou comitê sua avaliação dos professores.” (ARNOLD, 1898, p. 316). Para que finalidade, pergunta Arnold? “Não como um espião para descobrir falhas. Que fosse uma tarefa penosa pressagiando recepção não calorosa, e mal paga. Seu tempo pode ser mais bem aproveitado.” (ARNOLD, 1898, p. 316). Em lugar do supervisor que visita o “prédio” sem aviso prévio, pegando os professores de surpresa, amedrontando-os, Arnold sugere confiança mútua, familiarização dos professores com o supervisor, fim da atmosfera de medo. Propõe reuniões frequentes, em diferentes níveis, para que os professores aprendam a colaborar entre si e a confiar na condução do supervisor.

Não somente o fervor religioso conduzia a pregação da então supervisora das escolas públicas, em Boston. Arnold encerra a matéria de 1898, conclamando a comunidade leitora a partilhar também o seu fervor patriótico.

A exposição das posições de Arnold sobre a função do supervisor permite pensá-la como uma mulher que estava galgando um importante posto na instrução pública, de um culturalmente importante estado como era Massachusetts, para o qual não havia ainda prescrições claras ou regras firmemente estabelecidas. Ao ser indicada como primeira mulher a ocupar o posto em Boston, capital daquele Estado, Arnold se faz expressão da modernização em curso da escola pública norte-americana, em que se faziam acomodações entre o laico e o religioso, a tradição e a inovação, ora em contendas sangrentas, ora em acordos pacíficos. Além disso, Arnold parece se movimentar com uma boa margem de liberdade para introduzir novas práticas de organização do ensino público. Pode-se, portanto, cogitar a mesma margem de liberdade para ensaiar novos métodos de ensino nas escolas sob sua supervisão e para além delas.

A atuação destacada de Arnold no exercício da função de supervisor de ensino, em Boston, se reafirma nas palavras de David Snedden

(1868-1951), que serviu como “[...] the first State Commissioner of Education in Massachusetts”:<sup>11</sup>

Miss Arnold deu vários esplêndidos anos de serviço ao Conselho de Educação do estado de Massachusetts. Ela representou tanto a melhor cultura quanto a mais forte liderança educacional da Nação. Seu interesse em sinalizar para a educação profissional para mulheres foi forte e seu trabalho altamente prático. (SNEDDEN, [19--] apud ANDREWS, 1943, p. 339).

Essa apreciação é relevante. Não somente porque Snedden assumiu a muita destacada função de responder pela educação escolar pública do Estado de Massachusetts – que se projetou mundialmente, a partir da primeira metade do século XIX, com as intervenções de Horace Mann –, mas também porque Snedden ganhava à época prestígio profissional e intelectual, por suas atividades acadêmicas em Stanford (1901-1905) e no Teachers College, da Columbia University (1905-1909); suas publicações e suas posições nos debates em torno das reformas escolares o colocaram na primeira cena norte-americana.<sup>12</sup>

As relações de Sarah L. Arnold e David Snedden não se restringiram à escola pública e não ficaram adstritas a Massachusetts. Na década de 1910, é possível encontrá-los de novo reunidos em torno de questões relativas à Economia Doméstica.

No exercício da função supervisora – e certamente pela projeção positiva que nela teria obtido –, Arnold foi chamada a ocupar o posto de decana do Simmons College, na cidade de Boston, função que exerceu de 1902 a 1919, em concomitância à direção do Household Economics Program (Programa de Economia Doméstica), desse College, e a outras funções de representação.

<sup>11</sup> “O principal comissário estadual da educação em Massachusetts”, cargo equivalente ao de “superintendente de ensino”, como era e é chamado em alguns Estados norte-americanos, o responsável principal pelo sistema de ensino estadual.

<sup>12</sup> Para que se possa avaliar a sua relevância, vale mencionar que Snedden é considerado pelos estudiosos norte-americanos um dos mais expressivos educadores da chamada “era progressiva”, que se manifestou nos Estados Unidos a partir de fins do século XIX, visando a amplas reformas em diferentes campos da vida social. Snedden assumiu uma posição bastante marcante em favor de reformas, destacadamente as educacionais, que respondessem às demandas da sociedade industrial. Snedden cunhou o conceito de “eficiência social” (*social efficiency*) com o qual conduziu suas análises sobre a escola norte-americana como “ineficiente” e “antidemocrática” (SNEDDEN; DUTTON, 1908; SNEDDEN, 1921).



O Simmons College foi criado em 1899, em Boston, como uma instituição feminina de ensino superior. A fundação do College teria se dado graças à doação de John Simmons, rico fabricante de roupas de Boston e empreendedor imobiliário que, assim procedendo, teria repetido a iniciativa de muitos outros norte-americanos ricos que financiaram, após a Guerra Civil (1861-1865), um grande número de instituições de ensino superior (VEYSEY, 1970). John Simmons, falecido em 1870, teria fixado em testamento a destinação de fundos para a criação de uma instituição educacional a ser denominada *Simmons Female College*, com o propósito de ensinar Medicina, Música, Desenho, Telegrafia e outros ramos da arte, da ciência e da indústria, para permitir às estudantes “um modo de vida independente”. Problemas diversos adiaram a criação e instalação do College, até 1899. Em fins de 1901, Henry Lefavour, do corpo docente do Williams College, situado igualmente em Massachusetts, foi nomeado Presidente do Simmons College, e Arnold, então supervisora das escolas de Boston, foi nomeada sua decana. A Lefavour coube preparar um plano de organização do College e, com Arnold, a sua implementação. Essa foi a atuação mais destacada de Arnold junto ao College; mas não foi a única, uma vez que fez parte, desde o princípio, do seu Conselho Superior (*Corporation*).

Por certo que não se tratava de iniciativa isolada de Sarah L. Arnold, mas é cabível inferir, pelas informações disponíveis, que a sua rede de relações, com fortes raízes em todo o Estado e especialmente em Boston, teria contribuído diretamente para o sucesso dos empreendimentos do College e para a sua afirmação na cena acadêmica.

Segundo a avaliação feita por aquela instituição, o Presidente Henry Lefavour (que se aposentou em 1933) e a Decana Sarah L. Arnold (aposentada em 1919),<sup>13</sup> juntos, “[...] construíram em Boston o fundamento de uma instituição altamente inovadora e forneceram uma base intelectual para a comunidade do Simmons.” (UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS AMHERST, 2013).

A Economia Doméstica representou um novo e significativo investimento na trajetória de Arnold. Dentro do Simmons College, criou e

<sup>13</sup> Com a aposentadoria, Arnold deixou o cargo de decana, mas permaneceu membro do Conselho Superior do *Simmons College*.

dirigiu o School of Household Economics até 1910, convertido em um dos institutos de maior projeção nos Estados Unidos, nessa área.

Mas as atividades de Arnold na Economia Doméstica se projetaram para muito além do *College*. A literatura especializada cita como primeiro *paper* apresentado por Arnold, nesse campo, o “*Training and Certification of Teachers in House Economics*”, lido na *Fifth Lake Placid Conference on Home Economics*, realizada no verão de 1903, em Boston (ARNOLD, 1903). Realizadas sistematicamente ao longo dos anos e com comparecimento crescente, em janeiro de 1909, a *Lake Placid Conference on Home Economics* se tornaria a American Home Economics Association (AHEA), com Arnold como membro fundador e membro do Conselho. Em dois anos sucessivos, 1912 e 1913, seria eleita presidente da AHEA.

As muitas referências às iniciativas de Sarah L. Arnold, no campo da Economia Doméstica, sugerem não somente a grande difusão do seu nome por novas esferas da vida norte-americana; mais do que isso, indicam que foi com o envolvimento nesse campo em particular que Arnold obteve sua primeira grande projeção política em âmbito nacional. Dois fatores, ao menos, devem ser lembrados para explicar tal projeção: em primeiro lugar, a já mencionada iniciativa de preparar mulheres, a fim de convertê-las em agentes econômicos, dentro ou fora de casa; em segundo lugar, a necessidade de adoção de novos padrões de estocagem e consumo de bens perecíveis, em decorrência da desorganização dos velhos padrões de oferta e demanda dos bens de consumo cotidiano, provocada pelas constantes mudanças nas composições populacionais dos grandes e médios centros e agravada com o envolvimento dos Estados Unidos na I Guerra Mundial.

Com o seu trabalho no campo da Economia Doméstica, Arnold estreitou relações com pessoas e instituições ligadas a todo o circuito de alimentos, da produção ao consumo, passando pela estocagem, armazenamento etc. Na década de 1910, Arnold compôs o Conselho de Educação Agrícola do Estado de Massachusetts, quando então era superintendente do ensino David Snedden.<sup>14</sup> Durante a Primeira Guerra Mundial, Arnold atuou na Federal Food Administration. Posteriormente, foi chamada a compor o

<sup>14</sup> A pedido de Snedden, o Conselho produziu um relatório com recomendações à Educação Agrícola e com uma avaliação das possibilidades de instalação de uma “escola-fazenda”; o relatório foi encaminhado à Assembleia Legislativa, no primeiro semestre de 1910 (BOARD OF EDUCATION, 1911).

Comitê Consultivo do Food Research Institute (FRI), estabelecido em 1921 – o “Hoover Institute” – como resultado do acordo entre a Carnegie Corporation of New York e a Stanford University.<sup>15</sup> Em 1926, foi a primeira mulher a fazer parte do conselho superior do *Massachusetts Agricultural College* (CAMBRIDGE TRIBUNE, 1918; DEAN..., 1918; JOHNSTON, 2013; UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS AMHERST, 2013).

Com a disciplina Economia Doméstica, Arnold contribuiu ainda, diretamente, proferindo palestras e cursos, publicando artigos em diferentes periódicos, mas especialmente no *Journal of Home Economics*, criado pela American Home Economics Association. Benjamin Andrews, primeiro secretário e tesoureiro da AHEA, foi responsável pela publicação dos primeiros números do *Journal of Home Economics*, e sempre trabalhou muito próximo de Arnold, tanto compondo as mesmas redes de relações já mantidas por ela como colaborando com a sua ampliação e cimentação no campo acadêmico.<sup>16</sup> As relações de Andrews na *Columbia University*, onde lecionou por 36 anos, no Departamento de Home Economics do Teachers College, contribuíram para a aproximação de Arnold de acadêmicos e administradores ligados a poderosas fundações, como a Carnegie Corporation acima citada.

Em artigo de 1943, quando do falecimento de Sarah L. Arnold, Andrews mobiliza uma série de nomes importantes para fazer coro com sua elegia. Dentre outros, cita Snedden, já mencionado, e Flora Rose, ex-diretora do *New York State College of Home Economics da Cornell University*, considerada dos nomes mais relevantes no implemento da Economia Doméstica. Para melhor expressar os pontos de vista de Sarah L. Arnold sobre o lugar da mulher na nova ordem norte-americana, e quiçá mundial, Andrews transcreve um trecho significativo do discurso de posse de Arnold, quando assumiu a presidência da AHEA, expressão lapidar do que se pode considerar como “modernização conservadora”.

<sup>15</sup> Aquele Comitê incluía os presidentes da Carnegie Corporation e da Stanford University como membros *ex officio*, além de Herbert Hoover, então Secretário do Comércio; Julius Barnes, ex-Presidente da U.S. Grain Corporation; Dr. William M. Jardine, Presidente do Kansas State Agricultural College; J. P. Howard, Presidente da American Farm Bureau Federation; Sarah L. Arnold, *Dean Emerita* do Simmons College; e George Roeding, ex-membro da California Horticultural Commission.

<sup>16</sup> No *Journal of Home Economics*, foram localizados muitos artigos de Sarah L. Arnold, de B. Andrews e de D. Snedden.

Nos anos de 1910, Arnold abriu uma nova frente de atuação, trabalhando junto ao Girl Scouts of the United States of America (GSUSA), agremiação criada em 1912. A nova frente com o “escotismo feminino” em nada exigiu de Arnold afastamento da sua relação íntima com a Economia Doméstica. Em 1920, as *Girl Scouts* publicam uma coletânea, reimpressa até os dias atuais, na qual Arnold comparece com um capítulo intitulado “Home Marker” (ARNOLD, 1920). As organizadoras e primeiras líderes do movimento bandeirante de Massachusetts ganharam destaque em funções claramente definidas; Sarah L. Arnold é sempre mencionada dentre elas. Não por acaso, ela se tornou presidente do GSUSA, de 1925 até 1928, substituindo Lou Henry Hoover, que teve dois mandatos à frente do movimento nacional.<sup>17</sup>

A atuação de Arnold junto ao “escotismo feminino” consolidou sua projeção em Massachusetts e reafirmou os laços que a mantinham ligada a uma poderosa rede política e profissional. Fez mais: contribuiu para projetar o seu nome tanto nacional quanto internacionalmente, por uma via mais pessoal e ativa do que a autoria de livros, especialmente os escolares, era capaz de fazê-lo. Algumas notícias de jornais da época ajudam a realizar aquela projeção.

Em 2 de julho de 1928, o magazine *Time* publica matéria com o título “Brady vice Hoover”. Artigo importante, considerando-se que, àquela altura do ano, Herbert Hoover já havia sido indicado candidato à Presidência da República pelo Partido Republicano. Mas a matéria não era sobre o candidato, nem sobre o seu suposto vice; tratava dos mandatos de senhoras líderes do movimento das *Girl Scouts*!<sup>18</sup>

<sup>17</sup> O site das *Girl Scouts* ignora a data exata do término do mandato de Arnold, no entanto, oferece interessantes informações. Assim a apresenta: “Filha de Jonathan e Abigail Arnold, Sarah L. Arnold era a décima primeira de 15 crianças. Cresceu em Abington Massachusetts e logo demonstrou ser uma criança excepcional. Seu pai a apelidou de ‘o pouco de fermento que fermenta toda a massa’. Todavia, Sarah nunca foi mimada em casa. Ela destacou na escola, lendo Latim por onze anos de idade e se formar no colégio aos treze anos. Após o colegial, ela passou dois anos estudando em Bridgewater Normal School”. Ver, na página <<http://www.girlscoutsjs.org/girl-scout-basics/history-timeline>>, uma útil linha do tempo sobre acontecimentos importantes na história do movimento “*girl scouts*” nos Estados Unidos.

<sup>18</sup> “Casada com um sinônimo de laboriosidade, Sra. Herbert Clark Hoover é também muito ativa. Ela se dedica ao Girl Scouts of America como vice-presidente. Até abril, quando renunciou ao cargo, ela era também Presidente do Conselho de Diretores do Girl Scout. A Srta. Sara Louise Arnold, Presidente Nacional do Girl Scout, tinha estado doente e a Sra. Hoover, para quem o trabalho da Presidente Arnold foi delegado, sentiu que a presidência do conselho da diretoria era um trabalho para muitos. Na semana passada, os diretores do Girl Scout elegeram uma nova presidente do conselho para suceder Sra. Hoover. Elegeram a senhora que por oito

Esse era então o círculo mais próximo de relações de Sarah L. Arnold desde que se aposentara do Simmons College. Todas as notícias da década a associam aos nomes do casal Baden-Powell, à Sra. Hoover e outras lideranças do movimento *Girl Scouts*. Nos muitos *sites* mantidos pelas entidades locais do “escotismo feminino” norte-americano, o nome de Arnold é presença obrigatória, não somente remetida àqueles anos de presidência, mas como “liderança viva”, sugerindo que suas palavras ainda orientam as novas gerações de “escoteiras”.<sup>19</sup>

A atividade de Arnold junto ao Girl Scouts of United States, desde sua criação nos anos de 1910, lhe ofereceu novas audiências para as quais ela pôde apresentar sua palavra, para além do que já vinha fazendo por meio dos livros escolares e de sua atuação acadêmica. Não há notícias de que sua liderança no “escotismo feminino” tenha levado seu nome e sua palavra para países europeus, por exemplo, mas é sabido que essa atividade desenvolvida, pode-se dizer, tardiamente – afinal, Arnold tinha 53 anos, quando o GSUSA foi criado –, aprofundou e ampliou a circulação do nome de Sarah L. Arnold nos meios ligados à educação escolar em geral e à formação feminina em particular, de países sob a esfera de influência direta dos Estados Unidos, sob sua intervenção ou sob sua “proteção”, tais como Porto Rico, Ilhas Filipinas, México, para citar apenas alguns de que se tem notícia.

Nos anos de 1920, Arnold aprofundou suas relações pessoais que fizeram mais do que ampliar a projeção e a audiência já conquistadas no que se pode chamar de relações “socioculturais”. Arnold se projetou na cena política, por meio de relações de sólida amizade construídas na sua atuação junto ao “escotismo feminino”. A amizade, primeiro com Mrs. Hoover e depois com o casal, culminou na sua indicação para o comando da ala feminina da campanha de Mr. Hoover para a Presidência da República. Uma vez vitorioso, não é difícil imaginar que Arnold tivesse

---

anos tem sido a tesoureira nacional do Girl Scout, Sra. Genevieve Garvan Brady. O marido da Sra. Brady é Nicholas Frederic Brady, famoso financista de Manhattan”. A matéria se encerra com o impressionante informe de que pessoas, por odiarem e temerem mortalmente o Papa romano, teriam alardeado o fato de os Brady serem católicos romanos e de o marido da nova presidente do conselho de diretores da Girl Scouts of America ter sido recentemente investido pelo Papa Pio XI com a Grã-Cruz da Ordem de São Gregório Magno (TIME, 1928).

<sup>19</sup> No *site* das *Girl Scouts* de North East Ohio, consta a frase, imputada a Sarah L. Arnold: “*There is something about the outdoors that is good for the inside of a girl...*” (“Há algo fora que é bom para o interior de uma menina”), curiosamente datada de 1958. Em outros *sites* ligados ao movimento, constam frases e ditados associados a Sarah L. Arnold.

sido convidada para eventos na Casa Branca, ou para conversas mais íntimas sobre assuntos socialmente relevantes, considerando-se que o *crash* de 1929 da Bolsa de Nova York tenha-se dado exatamente no primeiro ano da Presidência de Herbert Hoover (1929-1933).

Lou Henry Hoover, esposa de Herbert Hoover, foi a primeira – mas não seria a última – primeira dama a se perfilar com as *girl scouts* e a ter o seu nome sempre associado à entidade; ela se fez fiel expressão da mentalidade vigente no movimento do “escotismo feminino”, liderado e sustentado pela elite financeira dos Estados Unidos. Apesar do casamento com o republicano Hoover, Lou Henry se coadunava com o GSUSA, ao assumir posição aparentemente transreligiosa e transpartidária.

Há indícios convincentes de que as dirigentes e líderes da GSUSA não defendiam uma única vertente religiosa e um único partido, do que não decorre a aceitação ampla e restrita de qualquer orientação religiosa – principalmente o ateísmo – e de qualquer posição política. O fato de ser um movimento de elite aponta na direção do privilegiamento, à época, do norte-americano branco, cristão e ideologicamente conservador, independentemente de ser democrata ou republicano.

A adesão e a proeminência de Sarah L. Arnold no *Girl Scouts* se afiguram, ainda, coerentes com sua trajetória. Branca, cristã, ideologicamente conservadora, mas atenta aos novos tempos, trabalhou pela modernização da educação e saúde e à necessidade de se conduzir organicamente a educação feminina, considerando as novas configurações sociais produzidas pela vida urbana e pela hegemonia da fábrica. Tudo indica que a direção que imprimiu no Simmons College e a sua liderança no Girl Scouts of United States tenham criado uma agenda comum e uma sólida amizade com Lou Henry Hoover, apesar dos 15 anos que as separavam.

Para encerrar este tópico, seguem algumas informações adicionais sobre Arnold, as quais podem completar a sua trajetória:

- Em 1902, aos 43 anos de idade, Sarah L. Arnold recebeu o grau de Master of Arts (A.M.) pela Tufts University<sup>20</sup> e, em 1927, o grau de

---

<sup>20</sup> Todas as fontes citam 1903 como o ano de obtenção do mestrado. É o *site* da *Tufts University – Office of the Trustees* que informa o ano de 1902. Disponível em: <<http://trustees.tufts.edu/data/degrees/>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

Doctor of Education (Ed.D.), pela Rhode Island State College, aos 68 anos.<sup>21</sup>

- De 1902 a 1924, foi membro do Board of Governors of the Women's Education and Industrial Union.<sup>22</sup>

## OS REFORMADORES E SARAH LOUISE ARNOLD NO ESPECTRO FEMININO

O ciclo de publicações escolares de Sarah L. Arnold coincide quase que de forma integral com o movimento progressivista e com o momento reformista em praticamente todas as dimensões culturais dos Estados Unidos, em especial no campo da educação. A pressão da urbanização e da industrialização tem sido acertadamente enfatizada como fator fundamental da eferescência que os norte-americanos vivenciaram na passagem de um século a outro. Com certeza, foram grandes centros como Nova York e Chicago que não apenas sentiram mais de perto as transformações como também foram seus epicentros. Mas quase todo o país foi atingido, ao menos indiretamente: o fluxo migratório, acrescido ao imigratório, mudou a composição da população norte-americana em curto espaço de tempo. Essa transformação da composição populacional, com a entrada na cena urbana de segmentos populacionais vindos de Estados e regiões da chamada “América profunda” – tantos os negros libertos quanto os brancos tradicionalmente ligados ao campo – e com a imigração massiva de imigrantes europeus e asiáticos, provocou mudanças também estruturais em áreas como a da educação. A pressão modernizadora da indústria, das novas tecnologias, das paisagens e dos ambientes urbanos se realizou conjuntamente com a pressão por inclusão daqueles novos segmentos sociais nas benesses da modernidade. Por conseguinte, os Estados Unidos se tornaram celeiro não apenas do mais avançado, arrojado projeto modernizador ancorado na indústria e na cidade, mas igualmente das políticas e das ideologias mais eficazes de dissolução das tensões e conflitos sociais.

---

<sup>21</sup> O *site* <<http://www.ric.edu/ric150/memories/archv06.html>>, comemorativo do sesquicentenário do Rhode Island College, cita Sarah L. Arnold como o sétimo acadêmico a obter o título de doutor, na instituição. Acesso em: 6 nov. 2013.

<sup>22</sup> Há outras tantas atividades a ela atribuídas, cujas datas de início e término ainda não foram confirmadas: Membro do Lunch Department of the Bureau for Vocational Advice and Appointment; Membro do Massachusetts State Board of Education; Membro do Conselho Superior do Nasson Institute (hoje, Nasson College) de Springvale, Maine; Membro do Mayflower Club; Membro do Comitê Executivo da Women's Educational Association; Membro da American Sociological Association (MICROCOSM, 1933).

Reformas na organização, nos currículos, nas metodologias das escolas, dos seus ciclos, graus, séries e modalidade, gerando reformas nos requerimentos de progressão nas séries e nos graus, são as faces mais conhecidas do ensino norte-americano de fins do século XIX e começos do século XX. As mudanças empreendidas no sistema público de ensino se fizeram, pelas mais diversas vias, internacionalmente conhecidas. Frequentemente associadas ou identificadas ao movimento pela escola nova europeu e a assemelhados de outras Américas, o movimento progressivista norte-americano e as reformas escolares que lhes são contemporâneas – frutos próximos ou longínquos das agendas daquele movimento – devem ser pensados, por um lado, pela singularidade do originalíssimo processo de industrialização que estava se operando naquele país, que assumiu o lugar hegemônico no mundo capitalista, ao qual Gramsci (2001) denominou “americanismo e fordismo”. Por outro lado, devem ser pensados com respeito ao singularíssimo processo de múltipla composição e de racionalização populacional sem precedentes em qualquer outra sociedade, e que Gramsci incluiu no que chamou de “americanismo e fordismo”.

O que Gramsci e a maioria de seus contemporâneos não examinaram de perto e a literatura de outros países, especialmente a brasileira, em regra ignora são as respostas políticas e a variações ideológicas com que deram o amálgama do “americanismo”, termo que os próprios norte-americanos utilizam e utilizaram para se referir aos mecanismos de construção do norte-americano novo, o homem-resposta, o efeito-demonstração às demandas da indústria, da fábrica, da cidade. “Americanismo” é o nome que os norte-americanos deram aos múltiplos processos de *adjustment* individuais e coletivos aplicados ao imigrante, ao migrante e a todos que deviam ser incorporados aos novos tempos.

Sarah L. Arnold é nítida partícipe desse processo. Opera em favor da modernização da escola, dos métodos de ensino; sugere condutas novas tanto do professor como do aluno; soma em favor da autonomia feminina, do mesmo modo que participa da cena pública com autonomia, na mesma proporção que defende uma agenda de conservação da ordem americana “*White Anglo-Saxon Protestant*” (*WASP*).

A supervisora de ensino de Boston que representa a sua função à semelhança de Moisés, a autora dos livros didáticos, a *Dean* do Simmons



College, a líder da economia doméstica e das “escoteiras” é a mesma Sarah L. Arnold no exercício de diferentes papéis. Certamente, ganhou um número maior de interlocutores e sua rede se tornou maior e mais complexa, mas não abandonou antigos interlocutores para incluir novos, não abandonou velhas agendas em favor de novas, não desfez laços de sociabilidade para trançar novos. Manteve coerentemente, na medida em que as circunstâncias lhe permitiram, uma pauta dirigida à modernização conservadora.

No espectro feminino que lhe era contemporâneo, Sarah L. Arnold esteve muito próxima de mulheres como Lou Henry Hoover. Poderia ter pertencido às mesmas redes de relações de Jane Addams (1860-1935), cuja idade distava apenas um ano a menos da de Arnold. Cruzaram-se, em diferentes circunstâncias,<sup>23</sup> porém, salvo desmentido de novas fontes que possam vir a ser descobertas, não mantiveram relações próximas e não compartilharam as mesmas redes de sociabilidade.

Uma rara situação em que ambas aparecem no mesmo local está registrada no *Journal of Proceedings and Addresses* da *National Educational Association*, de 1908. Pelas exposições apresentadas no congresso da entidade, realizado naquele mesmo ano, em Cleveland, Ohio, Arnold e Addams teriam compartilhado a mesma sessão, a mesma temática, mas não idênticas posições.

Na mesma sessão, além de outras mulheres e homens, foram palestrantes: Sarah L. Arnold, Decana do Simmons College de Boston, Massachusetts, participou com a palestra “The Reconciliation of Cross-Purposes in the Education of Women”; e Jane Addams, da Hull House<sup>24</sup> de Chicago, Illinois, com a palestra “The Public School and the Immigrant Child”. Os títulos das duas palestras são expressivos quanto às posições das respectivas autoras: o tema de Arnold é a reconciliação dos diferentes fins da educação das mulheres; o de Addams é a escola pública em face da criança imigrante. Em sua fala, Arnold minimiza o tempo do trabalho na

<sup>23</sup> O *Lewiston Saturday Journal*, de 18 de julho de 1908, na coluna, *Females Figure in Day's News*, em meio a vários informes de atividades femininas “sociais” e também profissionais, noticia a conferência da National Educational Association realizada em Cleveland, Ohio, em cujo programa constava Sarah L. Arnold, na mesma sessão em que estava Jane Addams, da Hull House, e outras conhecidas mulheres. Ao longo da matéria, o jornal não faz qualquer associação entre as duas.

<sup>24</sup> Há uma vasta bibliografia sobre esse *social settlement* (assentamento social), criado por J. Addams, de fácil acesso.

indústria das crianças e meninas (ARNOLD, 1908); Addams retoma a exposição de Arnold e marca sua divergência (ADDAMS, 1908): a situação das crianças e das mulheres na indústria não é nada boa.

Tal como o fizeram Antler e Biklen (1990), em coletânea por elas organizada, Arnold e Miss Addams podem ser incluídas numa ampla gama de mulheres norte-americanas educadas, distribuídas num espectro desenhado por critérios de conservadorismo ou radicalismo. Seguramente, Miss Addams é uma das mais veementes expressões do liberalismo radical que o *establishment* norte-americano suportava, naqueles tempos convulsionados de fins do século XIX e início do século XX. Para muitos, tratava-se de uma socialista devotada à causa dos imigrantes, dos pobres, dos trabalhadores braçais que povoavam as ruas de Chicago. Para outros, de uma herdeira mais radical da tradição filantrópica, que vinha criando raízes profundas nos Estados Unidos. Mais ou menos próxima dos extremos do espectro ideológico, o certo é que Jane Addams é sempre lembrada como uma das mais contundentes e radicais expressões do pensamento e da ação reformadora, na qual também são incluídos homens como George Mead e John Dewey dos anos de Chicago, com os quais Addams manteve frequentes contatos pessoais ou por missivas. Jane Addams consta na memória como a mulher de ação que, dentre outras iniciativas, fundou o Hull House, defendeu os direitos das mulheres e dos negros.

Em contrapartida, Arnold situa-se no lado conservador das mulheres educadas. Não no polo do conservadorismo extremo, mas entre aquelas que atuaram em favor da inserção das mulheres em específicos nichos de mercado, para lhes facultar a realização de uma carreira compatível com a vida doméstica. Arnold trabalhou não somente pela inserção da mulher no mercado de trabalho, mas também pela afirmação do seu papel de responsável pela economia/vida doméstica, como esposa e mãe.<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Uma literatura feminista norte-americana recente vem produzindo revisões nas histórias privadas de muitas mulheres, como James Addams e Sarah L. Arnold. Curiosamente, essa literatura chama a atenção para o fato de que, como muitas outras mulheres da época, ambas teriam tido relacionamentos estáveis, durante toda a vida adulta. Permaneceram solteiras, mas, ao contrário do que era usual, constituíram lares com companheiras também solteiras.

## SARAH LOUISE ARNOLD NA FUNÇÃO AUTORAL<sup>26</sup>

Sarah L. Arnold nasceu como autora quase no começo da sua vida profissional, quando ainda exercia as funções de professora e diretora de escolas primária e normal; manteve-se produtiva até fins da década de 1910, quando estava há muito distanciada das atividades escolares.

Embora não se deva considerá-lo definitivo, no quadro único, apresentado ao fim deste capítulo, está contida a quase totalidade dos livros nos quais Sarah L. Arnold consta como autora ou coautora: nesse quadro, estão reunidos exclusivamente os livros publicados em inglês destinados primariamente ao público norte-americano.

Nele, constam 36 livros publicados em 48 anos, dos quais apenas três sugerem não ter destinação escolar direta, mesmo que possam tratar de educação: *Grace at Table*, de 1918, *The Story of the Sargent Industrial School at Beacon*, de 1917, e *The Way of understanding*, de 1934. Em 17 títulos, Sarah L. Arnold comparece como única autora e, em 22, como coautora; em 18 desses, é a autora principal e, em quatro, é autora secundária.<sup>27</sup>

Desde seu terceiro livro escolar, *Waymarks for teachers, showing aims, principles, and plans for everyday teaching* (1894), Sarah L. Arnold passou a publicar por intermédio de uma das mais importantes casas editoriais norte-americanas e uma das maiores editoras de livros escolares do país, a Silver, Burdett and Company, sediada em grandes cidades como New York, Boston e Chicago.<sup>28</sup> A partir daquele momento, Arnold publicaria quase de forma exclusiva por essa grande casa editorial e pela grande Ginn

<sup>26</sup> De Sarah L. Arnold também foram encontradas matérias impressas em jornais, magazines e periódicos especializados, tratando de tópicos relacionados aos seus três principais assuntos: ensino, economia doméstica e escotismo. No exercício de diferentes funções, Arnold pronunciou discursos que foram reproduzidos integral ou parcialmente em jornais de ampla circulação ou em magazines. Algumas dessas publicações foram exploradas neste texto; os artigos e matérias sobre economia doméstica serão examinados em outros trabalhos.

<sup>27</sup> Para este capítulo, foram consultadas sempre as primeiras edições; essa regra não pôde ser cumprida em poucos casos, em que não há primeira edição disponível.

<sup>28</sup> “Em 1885, Edgar O. Silver criou a Silver & Co., que logo se projetou pela série de impressos dedicados a novos métodos de ensino de Música, assunto de especial interesse de seu proprietário. A partir de 1886, a editora abriu-se para outras matérias, começando com a série *Normal course in reading*. Dois anos depois, um dos sócios vendeu a sua cota de ações a Frank W. Burdett, a partir do que a firma passou a se denominar Silver, Burdett & Co. Tal como ocorreria com outras, essas quatro firmas nascidas em Boston – Lee & Shepard, D. Lothrop & Co., Ginn Brothers e Silver, Burdett & Co. – instalaram-se também na cidade de Nova York, entre o fim do século XIX e o começo do XX, o que lhes facilitou a projeção no mercado nacional e a sequente conquista do mercado internacional.” (WARDE, 2011, p. 126).

& Company, criada originalmente em Boston.<sup>29</sup> Com a Silver, Arnold teria publicado 14 títulos; com a Ginn, 10 títulos, sendo que, a partir de 1900, essa editora se afirmaria pouco a pouco sobre aquela, como editora da obra de Arnold, acompanhando-a até meados da década de 1910; pouco depois, Arnold fecharia o ciclo de lançamento de novos livros didáticos.<sup>30</sup> Em compensação, reimpressões e reedições não cessaram até os dias atuais.

Sobre a prolífera autora e sobre sua considerável produção didática, há muito a se dizer; considerando-se o espaço inda disponível neste capítulo, apenas um aspecto será contemplado:<sup>31</sup> as tendências pelas quais passava o ensino da leitura, quando Sarah L. Arnold entrou em cena, e as tendências de ensino com as quais ela colaborou significativamente, tanto para a sua definição como para sua difusão em âmbito nacional e internacional. Será nesse contexto que, em meio a uma tradição de autores (do sexo masculino) de livros escolares, sua condição feminina ganha um especial significado.

No Quadro, em que se registram as primeiras edições em inglês de livros destinados primeiramente ao leitor norte-americano, podem-se ver diferentes modalidades de livros escolares: *primer* (cartilha), *reading book* ou *reader* (livro de leitura), *spelling book* ou *speller* (livro de soletração), *grammar* (gramática), *literature* (literatura) e *writing book* (livro de escrita). Vê-se ainda que Arnold e coautores escreveram não apenas para alunos, mas também para professores, visando principalmente ao ensino e à aprendizagem da leitura.

<sup>29</sup> “Em Boston foram criadas, também, duas outras editoras que rapidamente se tornaram proeminentes firmas especializadas em livros e outros impressos escolares: a Ginn Brothers, criada em 1867 pelos irmãos Edwin e Frederick. Foi a primeira empresa editorial norte-americana a lançar obras clássicas para crianças; com a série *Classics for children*, comercializada a partir de 1883, a editora colocou em circulação títulos tais como: *Robinson Crusoe*, *Plutarch’s lives* e outros que se tornaram usuais na escola elementar norte-americana. Com o sucesso obtido no ramo da literatura infanto-juvenil, a Ginn & Co. investiu na ideia precursora do livro de leitura suplementar aos manuais destinados ao aprendizado da leitura” (WARDE, 2011, p. 125-126).

<sup>30</sup> Aqui são usadas como sinônimos as expressões “livro de destinação escolar” e “livro escolar”; algumas vezes, “livro de destinação pedagógica” e “livro didático”; o uso mais frequente das duas primeiras expressões se deve tão somente à intenção de abarcar na mesma nomenclatura o livro destinado ao professor e o livro destinado ao aluno. No caso de Sarah L. Arnold, os livros aqui mencionados como “escolares” foram efetivamente elaborados para uso na escola, quer para alunos, quer para professores (sobre o assunto, ver: MONAGHAN, 1987; MONAGHAN; BARRY, 1999; SAUL, 1987; VENEZKY, 1986, 1987, 1990).

<sup>31</sup> Estão sendo preparados dois textos especificamente sobre os livros escolares de Sarah L. Arnold que circularam dentro e fora dos Estados Unidos, a serem publicados como artigos.

Destacam-se quatro séries graduadas bastante conhecidas e todas elaboradas em coautoria, com exceção da última: 1) *Stepping Stones to Literature*, composta de oito volumes publicados em dois anos (1897 e 1898), tendo como autor secundário, Charles Benajah Gilbert (1855-1913), Superintendente das Escolas de Newark, em New Jersey; 2) *Mother Tongue*, composta de três volumes destinados ao aluno, publicados entre 1900 e 1902, e um volume – *Outline of a Course of Study in Language and Grammar, prepared to accompany The Mother Tongue, books I and II* – publicado em 1901, supostamente destinado ao professor;<sup>32</sup> nessa série, Arnold começa como autora principal, para terminar a terceira autora, depois de John Hays Gardiner (1863-1913) e George Lyman Kittredge (1860-1941), respectivamente, Professor Assistente e Professor de Inglês na Harvard University; 3) *The See and Say Series*, composta de quatro livros para o aluno e três livros para o professor, todos publicados entre 1913 e 1916, em que Arnold é a autora principal, seguida de Elizabeth Catherine Bonney e Edward Franklin Southworth;<sup>33</sup> 4) o último volume dessa série é apresentado como *Book Four of The See and Say Series*, mas ganha o título da que será a seguinte e última série escolar, a *Mastery of Words*, a ter Sarah L. Arnold como autora, aliás, única autora, ao contrário das séries anteriores, como já se destacou anteriormente.

Sobre a incidência das modalidades de livros escolares publicadas com autoria de Arnold, apenas um livro é do tipo *primer*, ou seja, daquele tipo que no Brasil é comumente chamado de “cartilha de alfabetização” e que representa o primeiro livro de introdução da criança na leitura; esse é o caso do bastante conhecido *The Arnold Primer*. Nas demais modalidades, Arnold lançou muitos outros livros didáticos. Nota-se, no Quadro, que são igualmente raros os livros destinados ao ensino da escrita. No caso da publicação da modalidade *primer*, Arnold foi de fato original em relação às autoras norte-americanas, uma vez que, desde o século XIX, era nessa modalidade em que elas se faziam predominantes.<sup>34</sup>

Monaghan (1994) estudou a autoria feminina de livros de leitura elementares entre 1880-1950, enfatizando o período entre 1890 e 1930,

<sup>32</sup> Este é um dos seis livros aos quais ainda não foi possível ter acesso.

<sup>33</sup> Sobre as duas coautoras, não foram encontradas informações profissionais.

<sup>34</sup> A fraca presença de títulos de Arnold dedicados ao ensino da escrita será examinada em artigo futuro aqui anunciado, em relação ao ambiente norte-americano.

com um pico nos anos de 1910. Monaghan, como outros autores, chama a atenção para fato curioso: ao longo do século XIX, as mulheres foram-se afirmando como autoras dos *primers*, a ponto de chegarem ao século XX, respondendo por quase todos os livros dessa modalidade.

Por outro lado, o período 1890-1930 foi o único no qual as mulheres prevaleceram como autores dos *readers*, e especialmente como autores principais, uma vez que já eram coautoras e continuariam a sê-lo, porém secundárias. Naquele período de prevalência feminina, Monaghan (1994, p. 31) destaca que

[...] a série [de Arnold] com Charles Gilbert, *Stepping Stones to Literature* (1897), se tornou muito popular, e o seu *Reading, How to Teach It* (1899) era um texto solicitado em muitos cursos de formação de professores. Com um autor júnior como o Professor de Harvard George Lyman Kittredge, ela também escreveu a série *Mother Tongue* (1900). Depois de um ano, foi publicado o *primer* com o seu próprio nome: o *Arnold Primer* (1901).

Monaghan (1994) cita em nota outros livros de Arnold; contudo, aqui nos interessa o destaque conferido a Arnold em meio a outras tantas que, diferentemente dela, não sobreviveram à concorrência no campo dos livros elementares ou sequer foram posteriormente chamadas a escrever ou a colaborar com livros destinados às séries escolares mais avançadas.<sup>35</sup> Sarah L. Arnold somente não foi a mais longeva.

Acrescente-se, ainda, em relação a Arnold, o fato de seus livros terem sido amplamente adotados em diferentes redes de ensino dos Estados Unidos, o que se pode atestar por edições em que aparecem referências à aprovação de conselhos de educação de Estados muito distantes entre si, como Massachusetts e Califórnia. Além disso, ela foi muito especialmente cuidada pelas editoras, com destaque à Silver, Burdett and Co., a qual lhe

<sup>35</sup> Monaghan (1994) enfatiza, ainda, do período: Ellen Cyr e Rebecca Pollard. Sobre Ellen Cyr, encontramos um artigo interessante de Arlene Barry (s/d), "Ellen Cyr. Forgotten author of a Best-selling reading series". A respeito de Cyr, ele escreve: "Ellen Cyr (1860-1920) foi uma professora em Cambridge, Ma, durante os anos de 1880. Enquanto sua ocupação não era incomum, Cyr foi única porque foi a primeira mulher na história americana a ter um amplo número de séries de leitura vendidas com o seu próprio nome. Ela começou a sua carreira de autora produzindo o Interstate primer and first reader, publicado pela Interstate Publishing Company em 1886, que foi revisado pela Ginn em 1891 com o título *Children's primer and first reading* e nos anos seguintes como *Cyr Readers*". O artigo merece a leitura completa, porque ajuda a situar Cyr naquele ambiente inicial do mercado livreiro industrializado.

deu todas as facilidades para traduções e adaptações em outras línguas e para outros países.

O que nos interessa dessa projeção feminina para a qual Arnold contribuiu sobremaneira? O primeiro fator tem a ver, evidentemente, com o crescimento vultoso das matrículas na escola elementar. Merece atenção o fato de esse crescimento ter-se dado de maneira abrupta, numa curva vertiginosa, e ter decorrido grandemente da migração e da imigração estrangeira. A migração que se deu sabidamente do campo para a cidade-significou para os Estados Unidos, à época, o traslado de pessoas de mundos muito distintos, de classes muito distanciadas, vivendo em um sistema de *apartheid*. A transferência de levadas de crianças do campo para a cidade, que muitas vezes quis dizer do Sul para o Norte/Nordeste, implicou a convivência dentro das escolas públicas de crianças que mal conseguiam se entender, dadas as enormes distâncias linguísticas e, portanto, culturais, entre elas. Some-se a isso o sabido impacto de crianças estrangeiras para as quais o inglês precisava ser aprendido em todas as formas: na fala, na escuta, na escrita e na leitura.

Para os estudiosos, esse enorme crescimento e seu ritmo vertiginoso resultaram na busca imediata e acelerada de mão de obra feminina que já vinha ocorrendo, e que é foi somente precipitada por força populacional. Ou seja, o percentual de homens que permaneceu no ensino elementar se tornou muito pequeno, em comparação ao enorme crescimento de mulheres, para as quais eram reservados salários relativamente baixos. Em 1888, as mulheres compunham 63% da força de ensino nos Estados Unidos, como um todo. Em 1921/22, mulheres preenchiavam 86% das posições de ensino nas escolas elementares, públicas ou particulares, e 100%, nos *kindergartens* (MONAGHAN, 1994; MONAGHAN; BARRY, 1999; VANDEWALKER, 1908; THE A.C.E. KINDERGARTEN CENTENNIAL COMMITTEE, 1937).

Quando as editoras se prontificaram a “atender” ao aumento da demanda, decidiram por fazê-lo usando o que se afigurava como a mão de obra mais habilitada a responder às necessidades: mulheres em sala de aula ou em atividade muito próxima aos professores. Assim, buscaram as muito experientes em sala de aula ou que por ela já haviam passado e se encontravam agora em ascensão na carreira administrativa, como supervisores de ensino, e, pela primeira vez, tomando assento nos conselhos escolares.

Segundo Monaghan (1994, p. 31-32), o que as autoras tinham em comum

[...] era a sua experiência no mundo real da sala de aula elementar. Mulheres como elas, que haviam ganhado alguma fama local ao ascenderem ao topo dos *ranks* administrativos da educação (como fez Arnold no sistema escolar elementar de Boston), ou quem ainda estava na sala de aula estava agora publicando em largo número. Como elas – e, de fato, como a maioria dos autores homens de livros didáticos da época – essas mulheres muito frequentemente tiveram seus nomes incorporados nos títulos das séries.

Para Monaghan (1994, p. 32), além disso,

[...] está claro que mesmo antes da virada do século as mulheres tinham um virtual monopólio sobre a autoria dos *primers*, mesmo quando os *readers* que seguiam nas séries eram escritos por homens. May Kirk, por exemplo, escreveu *Baldwin Primer* (1899) para a *School Reading by Grades*, de James Baldwin (1897). Depois de 1900, a vasta maioria de novos *primers* foram escritos por mulheres. Esse reconhecimento das qualificações especiais das mulheres para ensinar as crianças menores pode ter se estendido para duas outras áreas: instrução para alfabetização de não-falantes do inglês e para alfabetização do adulto.<sup>36</sup>

Por conseguinte, parece que as mulheres não sofreram diretamente com as disputas de métodos que afetavam as *primers* e os livros de leitura destinados às séries elementares. Todavia, tendencialmente foram afetadas de forma negativa pelas disputas provocadas pelo movimento de reforma literária e linguística do início do século XX, porque envolviam conhecimentos superiores em relação aos que a maioria das mulheres detinha, ou seja, que ainda não tinha tido acesso à universidade, à pesquisa e aos títulos de doutorado. Com isso, muitos dos livros mais avançados de literatura, que completavam as séries graduadas, eram escritos por homens, em muitos casos com assistência de mulheres apenas para a escolha dos temas das lições.

<sup>36</sup> Conforme Carpenter (1963, p. 92): “Depois daqueles tempos de George Frederick Holmes, Sarah L. Arnold, Charles B. Gilbert, William T. Harris, Marcius Wilson e outros compiladores da última parte do sec. XIX, a elaboração de livros de leitura se tornou uma tarefa de expert em educação infantil, psicologistas que estudavam as técnicas envolvidas na leitura. Mark Baldwin passou a ser publicado nesse momento; eram um psicologista famoso que ensinava leitura nas escolas em termos psicológicos, e seus textos eram muito aceitos em todas as partes. Durante as 3 ou 4 décadas seguintes, os compiladores de livros de leitura eram na maioria dos casos seguidores de Baldwin”. Sobre ele, Carpenter abre uma nota: “Baldwin lecionou Psicologia nas universidades Princeton e Johns Hopkins [...]”.



Com essa onda reformadora, as mulheres perderiam a predominância na autoria dos livros de leitura que há pouco tinham conquistado. Mas é preciso ainda sublinhar mais três fatores que deslocaram as mulheres da autoria para a coautoria secundária: crescimento rápido do ensino secundário, que foi profundamente reformado com a extensão da escolaridade elementar, e a criação do *high school*, com gradações e diversificações curriculares. Se estiver certa essa hipótese, a professora do ensino elementar não conquistou o mercado das séries finais do ensino básico estendido. Foram os professores do ensino secundário acrescentados aos professores universitários que ganharam espaço para as séries escolares inferiores. Isso não quer dizer que as mulheres foram expulsas. Muitas foram chamadas como colaboradoras ou coautoras, como já salientamos.

Além disso, o avanço do movimento de renovação educacional – o progressivismo – fazia frente ao uso dos livros didáticos para o ensino da leitura, em favor da criação dos textos pelas crianças, quando muito complementados com livros de adultos. Mas, apesar de ter sido muito intenso e de ter pressionado fortemente as reformas educacionais, o movimento foi incapaz de deter a força quantitativa que somava a favor das editoras e da autoria feminina, que, curiosamente, acabava por ser um dos alvos principais da crítica progressivista.

Contra as mulheres também pesou grandemente um movimento que tem uma origem comum ao progressivismo educacional, até que se tornaram os dois grandes antagonistas, nas primeiras décadas do século XX, disputando a liderança das reformas educacionais. Os autores registram esse movimento como “movimento científico”, que, além de impactar os rumos do ensino da leitura e em parte da escrita, consequentemente, dos livros a eles destinados, atingiu a organização curricular da escola elementar e especialmente do *high school*. Curiosamente, tanto esse movimento como o do progressivismo educacional deslocam da primeira cena as professoras e os professores de escola, para dar protagonismo aos acadêmicos com suas pesquisas e suas especializações.

Três são os principais nomes envolvidos nesse movimento científico, com bastante ênfase no primeiro: Edward Lee Thorndike, Arthur Gates e William S. Gray. Suas pesquisas e seus testes afetaram profundamente os estudos antes existentes sobre movimentos dos olhos e discurso

interior, dando-lhes nova direção e relacionando pesquisa de leitura com pedagogia da leitura. A esse movimento há de se dedicar atenção especial, em outra oportunidade.

Antes de encerrar as análises sobre Sarah L. Arnold, vale ainda destacar o fato de os seus trabalhos em autoria ou coautoria terem obtido grande sucesso editorial dentro e fora dos Estados Unidos. Faz-se necessário um estudo mais minucioso que permita verificar como e por que Arnold parece escapar das classificações e periodizações que servem à maioria das séries didáticas de leitura, aí incluindo todas as suas modalidades. Além de ter respondido sozinha ou em coautoria por praticamente todos os tipos de impressos para o ensino da leitura e da escrita, desde o início do século XIX até começo do século XX – *primer, reader, grammar, speller* etc. – Arnold percorreu quase todos os tipos de conteúdos e métodos criados naquele período, mesmo quando ainda não estavam em voga. Assim, por exemplo: em uma série de livros de leitura, ela foi coautora secundária, com dois acadêmicos de Harvard, quando esse tipo de agrupamento não era comum, o que ocorreria a partir dos anos 1920; ela defendeu a leitura silenciosa ao que parece ao largo das teses defendidas pelos psicologistas da linhagem thorndikiana e usou extensamente o manual destinado à orientação do professor, quando essa modalidade de impresso escolar ainda não havia se consagrado.

Sua circulação dentro e fora dos Estados Unidos merece toda a atenção, uma vez que foi utilizada à larga em protetorados norte-americanos, como Filipinas e Porto Rico; circulou em línguas como espanhol, português e árabe, o que permitiu a Sarah L. Arnold transitar do Ocidente ao Oriente.

## REFERÊNCIAS

- A.C.E. KINDERGARTEN CENTENNIAL COMMITTEE (THE). *The Kindergarten Centennial – 1837-1937: a brief historical outline of early childhood education*. Washington, DC: The Association of Childhood Education, 1937.
- ADDAMS, J. The public school and the immigrant child. *Journal of Proceedings and Addresses of the Forty-Sixth Annual Meeting*, Cleveland, OH, p. 99-102, 1908.
- ANDREWS, B. R. Sarah Louise Arnold, 1859-1943. *Journal of Home Economics*, Geneva, NY, v. 35, n. 6, p. 339-340, June 1943.

- ANTLER, J.; BIKLEN, S. K. *Changing education: women as radicals and conservators*. New York: State University of New York Press, 1990.
- ARNOLD, S. L. The duties and privileges of the supervisor. *The Independent...*: tendencies, history, literature, and the arts, Boston, v. 50, p. 315-318, Aug 4 1898.
- \_\_\_\_\_. Training and certification of teachers in household economics. *Lake Placid Conference on Home Economics*: proceedings of the Fifth Annual Conference, Boston, MA, v. 5, p. 8-12, 1903.
- \_\_\_\_\_. The reconciliation of cross purposes in the education of women. *Journal of Proceedings and Addresses of the Forty-Sixth Annual Meeting*, Cleveland, p. 112-113, 1908.
- \_\_\_\_\_. The home maker. In: GIRL SCOUTS. *Scouting for girls*: official handbook of the Girl Scouts. New York: The Girl Scouts: National Headquarters, 1920. p. 106-132.
- BOARD OF EDUCATION. *Report of board of education of Massachusetts on Agricultural Education*. Boston: Wright & Potter, State Printers, 1911.
- BRADY vice Hoover. *Time Magazine*, New York, v. 12, n. 1, Jul. 02, 1928.
- CAMBRIDGE TRIBUNE. *Agricultural Book Published*, v. 41, n. 24, 10 Aug. 1918.
- CARPENTER, C. *History of american schoolbooks*. Philadelphia: Philadelphia University of Pennsylvania Press, 1963.
- FEMALES figure in Day's News. *Lewiston Saturday Journal*, Lewiston, Jul. 18, 1908. Não paginado.
- GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.
- JOHNSTON, B. F. *Creating Stanford's Food Research Institute*: Herbert Hoover, Alonzo Taylor, Carl Alsberg, J. S. David, and K. Bennett. Disponível em: <<http://www.stanford.edu/group/FRI/fri/history/bruce.html>>. Acesso em: 27 out. 2013.
- DEAN Arnold talks conservation to a group of Miami housewives. *The Miami News*, Miami, Dec. 25, 1918.
- MICROCOSM (THE). Libreto “com registros de fatos passados”, organizado pela turma de 1933 do Simmons College 1933. Boston, MA: [s.n.], 1933.
- MONAGHAN, E. J. Gender and textbooks: women writers of elementary readers, 1880-1950. *Publishing Research Quarterly*, New York, v. 10, n. 1, p. 28-46, Spring 1994.
- MONAGHAN, E. J.; BARRY, A. L. *Writing the past: teaching reading in Colonial America and the United States 1640-1940: the catalog*. 44<sup>th</sup> Annual Convention of the International Reading Association. San Diego, CA, 1999.

MONAGHAN, E. J.; SAUL, E. W. The reader, the scribe, the thinker: a critical look at the history of american reading and writing instruction. In: POPKE-WITZ, T. S. (Org.). *The formation of school subjects: the struggle for creating an american institution*. New York: The Falmer Press, 1987. p. 85-122.

MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo-1876/1994. Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED; São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NATURE study in the public schools by Sarah Louise Arnold. *Congregationalist*, Oak Creek, Aug. 12, 1897.

NIETZ, J. A. *19th Century schoolbooks*. [S.l.], 2003. Disponível em: <<http://digital.library.pitt.edu/nietz>>. Acesso em: 27 out. 2013.

\_\_\_\_\_. The contribution of an analysis of old school textbooks to the history of education in United States. *The Journal of Educational Research*, Philadelphia, v. 35, n. 3, p. 201-207, Nov. 1941.

\_\_\_\_\_. Significance of research in old textbooks. *History of Education Journal*, [S.l.], v. 4, n. 4, p. 146-148, Summer 1953.

\_\_\_\_\_. Some findings from analyses of old textbooks. *History of Education Journal*, [S.l.], v. 10, n. 1/4, p. 20-28, 1959. Tenth Anniversary Issue.

\_\_\_\_\_. *Old textbooks; spelling, grammar, reading, arithmetic, geography, American history, civil government, physiology, penmanship, art, music, as taught in the common schools from colonial days to 1900*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1961.

\_\_\_\_\_. Old secondary school grammar textbooks. *The English Journal*, [S.l.], v. 54, n. 6, p. 541-546, Sep., 1965.

SCHWARTZ, C. M. Ensino da leitura no Espírito Santo (1911-1930): uma análise das concepções de leitura, de texto e de linguagem. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: o ensino e a pesquisa em história da educação, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2008. p. 1-15.

SNEDDEN, D. *Sociological determination of objectives in education*. Philadelphia: Lippincott, 1921.

SNEDDEN, D.; DUTTON, S. T. *The administration of public education in the United States*. New York: Macmillan, 1908.

UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS AMHERST. *Arnold House*. Amherst, MA, [2013]. Disponível em: <[http://www.library.umass.edu/spcoll/youmass/doku.php?id=a:arnold\\_house](http://www.library.umass.edu/spcoll/youmass/doku.php?id=a:arnold_house)>. Acesso em: 27 out. 2013.

VANDEWALKER, N. C. *The kindergarten in american education*. New York: The Macmillan Company, 1908.

VENEZKY, R. L. Steps toward a modern history of american reading instruction. *Review of Research in Education*, Itasca, v. 13, p. 129-167, 1986.

\_\_\_\_\_. A history of the american reading book. *The Elementary School Journal*, Chicago, v. 87, n. 3, p. 246-265, Jan. 1987. Special Issue: The Basal Reader in American Reading Instruction.

\_\_\_\_\_. *American primers*: guide to the microfiche collection with a Introductory Essay. Bethesda, MD: University Publications of America, 1990.

VEYSEY, L. R. *The emergence of the American university*. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

WARDE, M. J. A industrialização das editoras e dos livros didáticos nos Estados Unidos (do século XIX ao começo do século XX). *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 32, n. 114, p. 121-135, jan./mar. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v32n114/a08v32n114.pdf>>. Acesso em: 06 nov. 2013.

## APÊNDICE A – LIVROS ESCOLARES EM INGLÊS DE SARAH LOUISE ARNOLD DESTINADOS A ESCOLAS NORTE-AMERICANAS

Autor	Título	Data (1ª ed.)	Cidade: Editora
Arnold, Sarah Louise	<i>Supplementary language lessons for grammar grades</i>	1886	Boston, Ma: Educational Publishing Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>Supplementary Language Lessons for Intermediate and Grammar Grades: Memory Lessons. - Dictation Exercises.-Stories for Reproduction. - Exercises in Letter Writing.-Word Pictures. - Occupation Lessons</i>	1887	Boston, Ma: Educational Publishing Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>Waymarks for teachers, showing aims, principles, and plans for everyday teaching</i>	1894	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Branson, Eugene Cunningham	<i>Supplementary Notes: Waymarks for teacher (giving an outline of each chapter with suggestive questions and names of helpful books of reference).</i>	1900	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A First Reader.</i>	1897	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A Second Reader</i>	1897	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A Third Reader</i>	1897	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A Fourth Reader</i>	1897*	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A Reader for Fifth Grades</i>	1897*	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A reader for Sixth Grades</i>	1897	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A reader for Seventh Grades</i>	1898	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise Gilbert, Charles Benajah	<i>Stepping Stones to Literature. A Reader Higher Grades</i>	1898	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>Use of pictures in the school-room [The]</i>	1898	Malden, Ma: E. A. Perry
Arnold, Sarah Louise	<i>Learning to Read: Suggestions to Teachers of Young Children</i>	1899	New York, Boston, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>Reading, how to teach it</i>	1899	Boston, New York, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise. Kittredge, George Lyman	<i>Mother Tongue [The] – Book I: Lessons in Speaking, Reading and Writing English.</i>	1900	Boston: Ginn & Co.
Kittredge, George Lyman Arnold, Sarah Louise	<i>Mother Tongue [The] – Book II: An Elementary English Grammar.</i>	1900	Boston: Ginn & Co.

Arnold, Sarah Louise	<i>Outline of a course of study in language and Grammar, prepared to accompany The Mother tongue, books I and II</i>	1901	Boston: Ginn & Co.
Gardiner, John Hays Kittredge, George Lyman Arnold, Sarah Louise	<i>Mother Tongue [The] – Book III: Elements of English Composition</i>	1902	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>Plans for busy work</i>	1901	Boston, New York, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>Arnold primer [The]</i>	1901	Boston, New York, Chicago: Silver, Burdett & Co.
Arnold, Sarah Louise	<i>With Pencil and Pen. Language Lessons for primary schools</i>	1906	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.
Gardiner, John Hays Kittredge, George Lyman Arnold, Sarah Louise	<i>Manual of composition and rhetoric</i>	1907	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.
Arnold, Sarah Louise Bonney, Elizabeth Catherine Southworth, Edward Franklin	<i>See and Say Series [The]: Book One. A picture book teaching the letters and their sounds with lessons in word building</i>	1913	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.
Arnold, Sarah Louise Bonney, Elizabeth Catherine Southworth, Edward Franklin	<i>Manual for teachers to accompany The See and Say Series, book one</i>	1913	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.
Arnold, Sarah Louise Bonney, Elizabeth Catherine Southworth, Edward Franklin	<i>See and Say Series [The]: Book Two. A word book teaching the sounds of letters and giving practice in word-getting, word-building, and word-writing.</i>	1914	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.
Arnold, Sarah Louise Bonney, Elizabeth Catherine Southworth, Edward Franklin	<i>Manual for teachers to accompany The See and Say Series, book two</i>	1914	Syracuse, New York: Iroquois Co., Inc.
Arnold, Sarah Louise Bonney, Elizabeth Catherine Southworth, Edward Franklin	<i>See and Say Series [The]: Book Three. A word book teaching the sounds of letters and phonograms and giving practice in word-getting, word-building, word-writing, and clear speaking.</i>	1915	Syracuse, New York: Iroquois Co., Inc.
Arnold, Sarah Louise Bonney, Elizabeth Catherine Southworth, Edward Franklin	<i>Manual for teachers to accompany The See and Say Series, book three</i>	1915	Boston, New York, Chicago, London: Ginn & Co.

Arnold, Sarah Louise	<i>Mastery of words: Book Four of The See and Say Series. A Series of Lessons Based Upon the Ordinary Essential Vocabulary, to Secure for the Pupil Prompt Recognition of Words, Accurate spelling, and the Power to Help Himself in the Study of Words [complete edition]</i>	1916	Syracuse, New York: Iroquois Co., Inc.
Arnold, Sarah Louise	<i>Mastery of words, Book One: a course in spelling arranged for grades... [The]: a series of lessons based upon the ordinary essential vocabulary, to secure for the pupil prompt recognition of words, accurate spelling, and the power to help himself in the study of words</i>	1916, 1918	Syracuse, New York: Iroquois Co., Inc.
Arnold, Sarah Louise	<i>Mastery of Words [The], Book Two - A Course in Spelling Arranged for Grades Six, Seven &amp; Eight</i>	1917, 1920	Syracuse, New York: Iroquois Co., Inc.
Arnold, Sarah Louise	<i>Mastery of words for high schools [The]</i>	1923	Syracuse, New York: Iroquois Co., Inc.
Arnold, Sarah Louise	<i>Story of the Sargent Industrial School [The] at Beacon, New York, 1891-1916 [[told by S.L.A.]</i>	1917	Boston: D. B. Updike – The Merrymount Press
Arnold, Sarah Louise	<i>Grace at Table</i>	1918	s/l: s/e
Arnold, Sarah Louise	<i>Way of understanding [The]</i>	1934	New York : Girl Scouts of the U.S.A.

Quadro único – Livros escolares em inglês de Sarah Louise Arnold destinados a escolas norte-americanas.

Fonte: Diversas. Seleção, organização e composição do quadro: Mirian Jorge Warde.

\*A maioria dos livros de S. L. Arnold recebeu mais de uma reedição ou reimpressão, porém, em regra, mantendo os mesmos títulos e conteúdos. A série *Stepping...* parece ter escapado dessa norma: 1) há uma reedição de 1904 de *Stepping Stones to Literature. A Fourth Reader*, cujo sumário em nada coincide com o da 1ª edição de 1897 e 2) o Estado da Califórnia republicou em 1910 na “California State Series” o *Stepping Stones to Literature. A Fourth Reader* e o *Stepping Stones to Literature. A Reader for Fifth Grades* com os títulos respectivos de *A Fourth Reader* e *A Fifth Reader*. Comparados os sumários, as novas edições repetem integralmente os originais; ainda assim, consta nessas reedições que os livros de Arnold e Gilbert teriam sido revisados pelo State Text-Book Committee e aprovados pelo State Board of Education. Na mesma página do registro dos direitos autorais, aparece uma curiosa nota de esclarecimento: “Na compilação deste livro, foram utilizados alguns tópicos do ‘*Stepping Stones to Literature’ A Reader for Fifth Grades*, de Sarah Louise Arnold e Charles B. Gilbert. Todos esses tópicos estão protegidos pelos direitos autorais registrados acima”.



